

A NARRATIVA DOCENTE COMO MÉTODO: o caminho de um professor de Geografia em (form)ação

The teaching narrative as a method: the path of a geography in (training) action

La narrativa docente como método: el camino de un profesor de geografía en (form)ación

Leandro da Rocha 

Ana Maria Marques Santos 

RESUMO

Na construção desse trabalho, utilizamos a narrativa que é um arcabouço teórico-metodológico essencial presente nesta construção textual, percorrendo-a do início ao fim, a partir de Clandinin e Connelly. Ela foi chamada a fim de auxiliar na busca por análises e respostas na e com a formação docente. O objetivo aqui é analisar e refletir sobre a formação de um professor de geografia e apresentar sua trajetória, buscando reconstruir uma narrativa que tem como momentos marcantes da vida escolar e os aspectos geográficos dessa trajetória e refletir sobre os instantes formativos presentes nesse período, sendo a diversidade, os choques culturais, a precariedade da estrutura institucional e social, entre outros elementos pontos em destaque. Observaremos as marcas primordiais que atravessam esse texto, que rememora os tempos de estudante até o magistério, e sua profissão. Procura ressaltar as dificuldades e dilemas desse (e muitos outros) professor (es) de geografia, no que tange à sua formação inicial enquanto discente, passando pela graduação, e em sua formação continuada.

Palavras-chave: Formação de professores; Narrativa docente; Ensino de geografia.

ABSTRACT

The narrative is an essential theoretical-methodological framework present in this textual construction, traversing it from beginning to end, from Clandinin and Connelly. She was called to assist in the search for analyzes and answers in and with teacher training. The objective here is to analyze and reflect on the formation of a geography teacher through his trajectory. More specifically, it sought to rebuild a narrative based on important moments of school life and geographical aspects, reflecting on the formative moments present in that period, with diversity, cultural shocks, the precariousness of the institutional and social structure, among other elements. Observe the primordial marks

that cross this text, which presents itself from student times to teaching, his profession. The aim is to highlight the difficulties and dilemmas of this (and many other) geography teacher(s), regarding their initial training as a student, passing through graduation, and in their continuing education.

Keywords: *Teacher education; Teaching narrative; Geography teaching.*

RESUMEN

La narrativa es una estructura teórica-metodológica esencial y evidente en esta construcción textual, cruzándola, al inicio y al fin, desde Clandinin y Connelly. Ella se conceptúa para que ocurra el auxilio por la búsqueda del análisis y de las respuestas del proceso formativo del docente en geografía. El objeto es analizar y reflexionar esa formación en su trayectoria. Así, en concreto, se busca la reconstrucción de una narrativa basada en las memorias de la vida escolar y en los aspectos geográficos, conllevando los instantes formativos del periodo, siendo lo diverso, los choques culturales, lo precario de la estructura institucional y social, entre otros elementos. Por lo tanto, se acechan las huellas primordiales que se entrelazan en ese texto, que se presentan desde los tiempos de estudiante hasta el magisterio, su profesión, tanto como se resaltan las dificultades y dilemas que confrontan ése (y muchos otros) profesores de geografía, cuando se piensa su formación inicial como discente, iniciada en la licenciatura, incluso su preparación continua.

Palabras clave: *Formación de profesores; Narrativa docente; Enseñanza de geografía.*

O início

Olá, faço um convite para que siga comigo nessa jornada de escritos e retratos, tecendo um elenco de momentos da vida que são significativos para a minha formação, especialmente como professor de geografia. Para tal, apresento recortes de lembranças na escola e em espaços familiares, bem como em lugares específicos que me ajudarão a discutir a geografia e o aprimoramento docente.

A partir da metodologia da pesquisa narrativa de Clandinin e Connelly (2011), busco elementos formativos em minha trajetória. O marco temporal delimitado será da infância, iniciando com as experiências escolares até a entrada na carreira do magistério, utilizarei ainda como forma de aglutinar esses acontecimentos o conceito de lugar em Santos (2020a).

Contarei histórias que compõem um sentido elaborativo para a formação profissional, sendo ao mesmo tempo um narrador e personagem principal, e/ou criador e criatura dessa narrativa. Vou mergulhando desde o início com esse gênero textual que me fascinou, juntamente com os trabalhos dos pesquisadores narrativos, confirmando a opção por essa metodologia.

A narrativa está dividida por períodos e lugares por onde passei, os anos iniciais e os primeiros contatos com a escola, depois, a continuação, na educação básica, apresentando dois momentos, a conclusão dos anos iniciais e finais do fundamental, período em que há um deslocamento espacial. Posteriormente, na etapa em que trato ensino médio, há um retorno a terra natal. Depois para encerrar, em um outro lugar, finalmente chego no ensino superior. A significação da narrativa pelo memorial de formação ecoa na atualidade do profissional da educação e sua prática, assim como potencializa a sua escrita e protagonismo.

O revisitar as passagens da vida traz novos sentidos para a atualidade, em um conjunto de emoções que inundam e são combustível para as transformações e o nascimento de outras percepções. Na esteira da pesquisa narrativa e nas leituras sobre o memorial de formação o que mais ressoa em mim é a sensibilidade presente em cada canto da escrita.

Os primeiros passos pela espacialidade narrativa

Ao longo da narrativa, passarei por diversos lugares que acrescentaram na formação geográfica e no conhecimento desses, ressaltando a sua importância o que fez com que suas nuances fossem reveladas. O lugar tem uma espacialidade e é diferente de outros recortes, sendo uma abstração para pensar as relações de proximidade estabelecidas em um pequeno raio geográfico (Santos, 2020a). No mapa traçado, há a presença dos vários tempos que formam essa trajetória formativa que se deu pelos lugares.

Mapa 1 – A cartografia da narrativa formativa entre distâncias, histórias e lugares.



Fonte: Rocha (2020)

Os mapas e imagens sempre ecoaram, trazendo muita alegria, desde criança. Ainda nas séries iniciais, com oito anos, ganhei um atlas com representações físicas, políticas em seus inúmeros recortes, nacional, continental e/ou regional. A viagem que aquelas páginas me proporcionavam fazia com que horas parecessem instantes. Muitos países e cidades foram descobertos a partir do Atlas, no quarto de casa.

A construção do mapa da espacialidade narrativa é uma forma de apresentar as trajetórias geográficas feitas ao longo da trajetória que apresentamos, e um dos pontos mais importantes para a busca dos elementos formativos. Foram muitas idas e vindas pelas estradas representadas pelas linhas/traços em cinza claro, uma enorme construção de momentos guardados que foram revisitadas por e para essa trilha.

Trazemos aqui a potencialidade de histórias de quem foi e voltou por esses caminhos por anos a fio, e ainda segue, eventualmente, (re)fazendo parte desses percursos. Nosso trajeto será recomposto pelas fotos, mapa e relatos de pontos da trajetória de vida discutido com os autores.

Nesta tarefa, entendo que: “O Memorial de Formação consiste em um gênero em que o autor é, ao mesmo tempo, narrador e personagem; é a narrativa

da própria história que se constrói e (re)constrói em um movimento ininterrupto do vir-a-ser gente, educador ... (Fernandes; Prado, 2010, p. 2)". E, neste percurso, transitaremos entre pontos distintos e passos importantes que refletem na escolha e atuação profissional.

Foto 1 – O olhar sobre o morro em Barra Mansa-RJ



Fonte: acervo do autor

O começo dá-se pelo município de Barra Mansa¹, estrategicamente localizado no meio do conhecido eixo Rio-São Paulo. Através do mapa é possível compreender a dimensão da proximidade com essas duas capitais (Rio de Janeiro e São Paulo), trata-se do lugar que me permite iniciar a relação de memórias de vida e a formação geográfica.

A cidade supracitada está colada ao estado de São Paulo, e muito próxima a Minas Gerais. Por isso, em suas redondezas foi construída décadas atrás a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN). Ela foi o “motor” do desenvolvimento nacional e, impulsionou a migração para a região sul do estado do Rio de Janeiro. Na Foto 1, é possível vê-la parcialmente a partir do bairro em que morei, em Barra Mansa. Os elementos naturais e artificiais da paisagem, como a fumaça de suas chaminés, contrastam, refletindo a urbanização e o desenvolvimento dessa região encabeçados pela siderúrgica.

¹ Com o intuito de apresentar um aspecto que pudesse dimensionar geograficamente os municípios citados trarei a população estimada, que nesse caso é 184.833 pessoas. Disponível em: < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/barra-mansa/panorama>>. Acesso em 06/09/2020.

O primeiro dia na “escolinha” foi um tanto quanto diferente, naquele começo tumultuado com muitas crianças chegando com seus responsáveis e sendo recebidas e acomodadas pelas funcionárias. Para começar, fomos todos para uma sala grande onde nos reunimos em círculo, e as professoras começaram a oração da Ave Maria. Pode ser que esse seja um gesto natural para você, porém quem estava acostumado e dirigindo única e exclusivamente para uma única religião, evangélica ou cristão protestante, foi um choque. As novidades daquele momento não paravam de acontecer, logo naquele ato de reconhecer e me situar no ambiente, olhando por todos os cantos, consegui avistar no alto a imagem de Nossa Senhora Aparecida.

Apenas com os fatos descritos até agora alguém poderia apontar a existência de um trauma, um susto, o questionamento da existência de Estado laico, entre outros pontos. Mas, na verdade, esse fato é importante por ser um momento em que fui posta à convivência com o diferente. Enquanto estamos convivendo reclusos no ambiente familiar é possível que fiquemos cercados pelas mesmas ideias, costumes, religião e todo esse caldo de cultura que forma o ser humano. Em contato com esse novo ambiente, conheci novas ideias e crenças.

Na experiência em sala de aula, o apontamento em defesa da tolerância religiosa era necessário. A postura de ataque de alunos cristãos católicos e protestantes para com as religiões de matriz africana se fazia sempre que uma ou outra palavra sobre era proferida. Certa vez, uma aluna da educação de jovens e adultos veio justificar sua falta e do filho, aluno de outro turno, em razão de sua presença nos ritos do candomblé.

O relato foi feito em uma conversa que aconteceu antes da aula começar, ao “pé” do ouvido, bem discretamente. No fim, a estudante ainda solicitou que não comentasse sobre, com medo de sofrer alguma represália. Porém, eventualmente, nós, professores daquela unidade escolar, trabalhávamos em atividades conjuntas ou sozinhos a desconstrução de preconceitos e falas errôneas sobre as religiões de matriz africana.

É fundamental afirmar que: “Lutar para que o espaço da escola seja efetivamente laico talvez seja a nossa melhor ferramenta para evitar conflitos (Botelho, 2019, p. 119)”. A autora ainda segue discutindo sobre religiões e a laicidade na escola: “A laicidade não implica em ser antirreligioso, mas em criar um espaço de convivência discursiva entre as diversas religiões e o seu trato pedagógico (Botelho, 2019, p. 119)”.

A partir dali, comecei a compreender outros costumes, para além da ideia de forma de viver a infância que conhecia no espaço familiar. A junção que a escola pública faz em suas salas de aulas é importante para que as crianças lidem com o que é diferente, e dá a ver o que é diferente, o que para o outro, a

princípio, parece ser estranho, “fora da casinha”. Isso fez com que me interessasse mais e, após alguns dias, já estava completamente deslumbrado pela convivência com os colegas, diante de todas as suas especificidades, e não perdia sequer uma aula.

Esse conhecimento do outro não se dava apenas na escola, mas no espaço que a cercava e que me levava até ela. O lugar onde morava era um exemplo de diversidade, por exemplo, um terreiro de umbanda ficava a menos de um quilômetro de casa, no caminho para a escola. Como bem diz Doreen Massey: “As relações econômicas, políticas e socioculturais, cada qual cheia de poder e com estruturas internas de dominação e subordinação, estendem-se pelo planeta em todos os diferentes níveis, da família à área local e até a internacional (Massey, 2000, p. 184)”.

Um salto temporal será dado para ficarmos pelo mesmo lugar, pois o município de Barra Mansa esteve presente nos meus primeiros anos de vida e posteriormente, na adolescência quando fiz o ensino médio. O período em que não vivi nessa cidade do sul do Rio de Janeiro, foi vivido em Minas Gerais, onde havia também uma falta de diversidade por parte dos estudantes, “sem” gays, lésbicas, entre outros. É complicado para mim, inclusive, retratar um ambiente em que qualquer comportamento fora do padrão era reprimido, julgado e hostilizado.

Ainda é possível exemplificar a fundamentação dessa diferença geograficamente falando: “Homens que tiveram a mesma formação e que têm as mesmas virtualidades, mas estão situados em lugares diferentes, não têm a mesma condição como produtores, como consumidores e até mesmo como cidadãos (Santos, 2020b, p. 21)”. A vida acontece de modos diferentes de acordo com a localização do sujeito, o que ajuda a compreender tal questão.

Com a diferença temporal explicada, volto ao solo barra-mansense, a transferência para aquela escola em que se tinha enorme diversidade por parte dos estudantes. Tinha desde estudantes pertencentes a minorias sociais, como o negro, homossexual, lésbica, a pessoas pertencentes a diferentes tribos, como funkeiro, roqueiro, emo convivendo no mesmo espaço escolar, onde a diferença aflorava pelos corredores, era o princípio do fim, o ensino médio.

A oportunidade de viver em um ambiente livre e diverso da repressão tradicional e interiorana, permitiu a construção de novas visões sobre a potencialidade da vida. Tudo isso auxilia a derrubar o falacioso argumento que sustenta os discursos que defendem uma união contra a ideologia de gênero.

O movimento que possui um fundo cristão e que inventou a dita ideologia de gênero, tenta disfarçar sua origem e se mascarar com proposições infundadas para se legitimar. A partir desse espantalho criado, profere mentiras

e tenta tumultuar o pouco de representatividade e segurança jurídica conseguida recentemente nas esferas legais de nosso país (Junqueira, 2019, s/p).

Perceba que nessa época, não havia discussões de gênero ou sexualidade nas salas de aula, os professores falavam e defendiam o respeito entre os colegas, mas sem debater ou colocar quais eram essas especificidades. As questões raciais apareciam com mais evidência, estava ali o contexto para a implantação do feriado de 20 de novembro, o Dia da Consciência Negra.

A ideia de família natural e conservação de costumes ressoa um tanto quanto colonial, essa pressão para se enquadrar em comportamentos, nesse caso o padrão heterossexual, fere a dignidade e a expressão daqueles que estão ali tentando se entender e buscando seu lugar no mundo, se descobrindo.

A liberdade de ser e estar no espaço destoa dessa repressão do corpo, todo esse arranjo tradicional está presente nos discursos dos indivíduos e é internalizado inconscientemente:

Em linhas gerais, poderíamos afirmar que, ao estabelecer este percurso móvel e mutável, pudemos observar e analisar alguns processos cujo centro é o corpo e a forma como tais processos educam. Ao criarem regras e comportamentos comuns, usos comuns do corpo, induzindo indivíduos a cuidarem de si, de sua aparência e, nesse movimento, a se protegerem de suas próprias forças e impulsos, esses processos contribuem para assegurar a vida em sociedade e as trocas entre as gerações (Soares, 2014, p. 223).

Então, a vivência no ensino médio rompera aos poucos com os ditames conservadores e, diferentemente do interior mineiro, a paisagem do lugar transbordava outros jeitos e modos de ser e estar. Entretanto, ainda existem muitos esforços a serem empreendidos para romper com tais regras e comportamentos que vem no sentido de reprimir a diversidade.

A experiência de ter me reencontrado com tanta diferença é crucial para o meu entendimento da importância de se debater temas como gênero e sexualidade, saúde mental, bem-estar, possibilidades profissionais entre tantas outras questões que passam pelos conteúdos e transcendem, trazendo significado por toda uma vida do aluno.

É interessante observar que toda essa situação descrita como o cenário de multiplicidade, com uma liberdade maior daquela que estava acostumado, não é um mundo perfeito, muito menos ideal. Existiam muitos problemas e há conquistas que ainda atualmente precisam ser buscadas nessa eterna corrida do ser humano por completude e sentido (Freire, 2019).

Há uma necessidade de defender um projeto de educação democrática e plural, pois, como relatado acima, esse “caldo de cultura” que a escola pública me proporcionou mexeu com os rumos daquilo que eu pretendia ser. Houve uma mudança de perspectiva que passou pela coragem para se permitir descobrir outras paixões além do padrão heterossexual até a ousadia para ir rumo à universidade. Os impactos das instituições escolares na vida dos educandos são múltiplos e difíceis de mensurar, mas para vários alunos todos os profissionais que atuam ali são referências, desde quem trabalha na recepção na entrada, passando pela cantina, a limpeza e a sala de aula.

Nessas idas e vindas pela escrita e pelos lugares, é bom lembrar que:

“O modo como o narrador constrói essa problemática não é estático, do ponto de vista histórico e cultural – expressa um determinado tempo histórico [...] acontecimentos narrados fazem referência a outros tempos, a outras circunstâncias (Prado; Soligo, 2007, p. 49)”.

Portanto, espero que tenha fôlego para seguir nesse exercício pelos lugares e as suas respectivas formações apreendidas por esse autor, ao longo de sua trajetória.

Por mais que, eventualmente eu tente organizar os momentos da narrativa, ela acaba se fundindo e misturando. Agora rememoro a aluna que justificou a sua ausência e do filho, havia ali tinha questões maiores, embora a mãe aceitasse a sua expressão sexual que fugia da norma padrão, isso era um outro ponto de eventual atrito na escola e comunidade. Na sala de aula era sempre preciso enfatizar a importância do respeito com o outro e a sua diferença.

Nesse ano, tínhamos, em geral, alunos mais “retraídos”. Atualmente a diversidade nessa escola já é algo que surge com mais naturalidade e sem espantos. Por isso, nota-se a necessidade de luta e construção de valores como o respeito a diferença e a tolerância entre os sujeitos. Assim como a constante reflexão do trabalho pedagógico, como nesse caso, a partir da elaboração dessa narrativa.

O aprendizado fundamental: a narrativa formativa pelos mares de morros

A trilha narrativa agora vai abordar os tempos e momentos vividos pelas

bandas de Minas Gerais, tendo como destino do município de Alto Jequitibá². Nesse outro lugar, acrescentaremos a narrativa de outras composições. Morei nesse município durante alguns anos de minha vida, entre aproximadamente os sete e os quinze anos de idade. A mudança foi brusca e repentina, mas do ponto de vista das experiências, posso ver hoje que foi um tanto quanto pedagógica.

A partir do mapa da espacialidade narrativa é possível observar que nessa época estava residindo em um lugar bem especial, do ponto de vista geográfico. Estrategicamente situado na divisa com o estado do Espírito Santo, aos pés da Serra do Caparaó, inclusive com uma privilegiada vista dela, e um dos pontos mais altos do país, o pico da bandeira.

Com uma localização específica, o interior do interior, ainda presencia uma vivência que, além da fronteira política, a natureza se coloca como uma barreira, o que é visto pelas distâncias ou pelos morros e serras que delimitam o espaço daquela urbanidade local que esboça pouco ou nenhum crescimento (Silveira, 2006).

Desde a varanda de casa, era possível avistar todo o esplendor daquele relevo, às vezes entre nuvens, mas sempre como uma paisagem bela de ser contemplada, como é possível observar pela Foto 2, abaixo.

Foto 2 – Um trecho da Serra do Caparaó do terraço de casa



Fonte: acervo do autor

² Apresenta uma população estimada nesse ano de 8.318 pessoas < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/alto-jequitiba/panorama>>. Acesso em 06/09/2020.

No inverno ou no verão, suas tonalidades sempre ressaltam a beleza da natureza. Nunca fui um explorador ao ponto de chegar ao cume do pico, fiz apenas alguns passeios familiares e escolares pelas suas trilhas, estradas e cachoeiras.

Aquela cidade pequena lá no interior foi o cenário, ou melhor, a paisagem por onde andei, estudei e me formei humana e socialmente. Sei que atualmente existe uma dificuldade em distinguir a zona urbana da rural, pela própria dinâmica econômica e social, mas aquele lugar tinha a forma e o conteúdo da ruralidade, seja pelo tempo, ritmo e produção das coisas (Santos, 2012).

O início da vida letiva em Minas foi intenso e com direito à rejeição e a consequente evasão escolar, com o adiamento do começo da primeira série. A mudança é bonita, mas não é tão facilmente assimilada, principalmente na infância, e o contraste com a escola local foi enorme. A professora e os colegas pareciam muito diferentes daquilo que estava acostumado, me chamava a atenção a sala única para a escola e apenas uma professora. Tinha o caminho a pé que demorava cerca de quarenta minutos, diferente do ônibus dirigido pelos conhecidos motoristas que faziam a linha do bairro e deixavam na porta.

No ano seguinte fui novamente matriculado na “escolinha” da zona rural, às margens da estrada vicinal de terra com outra professora, a conhecida Silimar. Ela passava todos os dias em frente à minha casa, com sua kombi branca, e levava diversos alunos juntos quase que por uma jornada pedagógica.

Apesar de simples, aquela escola comportava inúmeras complexidades e desafios, foram muitos os colegas que ano após ano abandonavam aquele primeiro momento do ensino fundamental em busca do trabalho, pelas dificuldades, entre tantos outros motivos. Inclusive, vários foram os familiares que não concluíram nem os anos iniciais, nesse caso buscando nas cadeiras da escola apenas o básico para a sobrevivência.

Ao pensar sobre isso, me vem à mente um recorte simbólico do didatismo e reflexão de Paulo Freire: “O mito do direito de todos à educação, quando o número de brasileiros que chegam às escolas primárias do país e o dos que nelas conseguem permanecer é chocantemente irrisório (Freire, 2019, p. 188)”. Seria impossível ser mais certo do que nosso grande educador e patrono da educação brasileiro.

Enquanto discutirmos e pensarmos na evasão escolar apenas como uma simples fuga da instituição que é pública e por isso de graça, deixa-se de compreender a complexidade que é para muitas famílias brasileiras manterem os filhos frequentando a sala de aula. A realidade da dificuldade em concluir os estudos básicos é enorme, portanto, é preciso garantir não só o acesso, mas a permanência desses estudantes.

No período em que morei em Minas Gerais essa foi uma realidade muito comum, inclusive nos anos em que já cursava os anos finais do ensino fundamental. A cada novo ciclo letivo, um ou dois estudantes paravam de frequentar as aulas. Parece que de tão comum aquela realidade era banalizada, todos os profissionais pareciam conformados.

Porém, aos poucos, um ou outro retornava às cadeiras da escola, alguns migravam para o turno da noite e outros desistiram de vez. A época da colheita de café era um grande divisor anual que tirava permanentemente alguns do colégio, além disso, tinha aqueles que eram emprestados por alguns meses para colaborar com suas famílias na complementação de renda.

Vencer na vida – pura e simplesmente – por meio dos estudos coloca o estudante como um objeto passível de investimento em educação, que futuramente lhe trará resultados. Tal fato mascara a questão da desigualdade social e de condições para permanência na educação que diversos estudantes possuem nas mais diversas regiões brasileiras, e só serve para uma aparente meritocracia e falsa possibilidade de ascensão social (Frigotto, 2010).

Diferente de quando era estudante no fundamental, percebo a diferença e necessidade das distintas ocupações em nossa sociedade e de quanto é duro a divisão internacional e social do trabalho, com a separação e especialização entre o físico e o mental. É fundamental a existência de pessoas que plantam e colhem alimentos, em especial nas pequenas e médias propriedades, o que permite que tenhamos opções nos mercados, feiras e outros comércios na cidade. Para tratar do entendimento de direitos e cidadania, Santos diz que:

O simples nascer investe o indivíduo de uma soma inalienável de direitos, apenas pelo fato de ingressar na sociedade humana. Viver, tornar-se um ser mundo, é assumir, com os demais, uma herança moral, que faz de cada qual portador de prerrogativas sociais. Direito a um teto, à comida, à educação, à saúde, à proteção contra o frio, a chuva, as intempéries; direito ao trabalho, à justiça, à liberdade e a uma existência digna (Santos, 2007, p. 19).

Antes houvesse uma consciência de classe para entender melhor as prerrogativas que ser um brasileiro me concedia. Pelo menos na letra da lei “maior”, nossa Constituição de 1988, haveria uma série de premissas à possibilidade de uma existência meramente digna. Porém, na nossa abissal desigualdade, vemos que é uma letra quase sem vida ou morta.

Esta narrativa traz vários elementos que conectam na realidade da educação de jovens e adultos (EJA), onde fiz estágio e lecionei, como diz Freire: “Programados para aprender” e impossibilitados de viver sem a referência de um amanhã, onde quer que haja mulheres e homens há sempre o que fazer, há

sempre o que ensinar, há sempre o que aprender (Freire, 2011, p. 82)". O público que se afastava da escola pelas impossibilidades da vida, ainda tem o seu direito a educação a ser concluído e garantido.

Por exemplo, ainda nos anos iniciais do ensino fundamental a falta do básico e o direito à educação foram escancarados diante de mim. Isso ocorreu em um trabalho ainda na segunda série para a então denominada disciplina de estudos sociais — união da história e geografia que causa arrepios nas duas áreas — cujo requisito básico era a pesquisa e composição de cartazes sobre os meios de transportes, seja do ar, terra e água. Quando me sentei à mesa de casa para começar a fazer o trabalho, já com cartolina, revistas ganhadas de conhecidos, tesoura e cola, veio o desespero para organizar e compor tudo aquilo. A minha mãe veio tentar orientar sobre a atividade, sem êxito, pois mal compreendia os aspectos envolvidos e até hoje possui dificuldades na escrita e leitura, assim como meu pai. O recém-chegado irmão salvou-me, auxiliando na composição do trabalho que figurou entre os mais bonitos da turma com elogios da professora, não poderia ser melhor!

Contudo, naquele episódio me escapava detalhes que apenas anos depois conseguiria dimensionar e, atualmente como professor que possui experiência com turmas da educação de jovens e adultos posso compreender: O sentimento de aflição que meus pais viveram não podendo me ajudar devido a sua baixa ou nula escolaridade. Meu pai atuou em diversas atividades profissionais, se destacando dentre elas como pedreiro, estudou até a quarta série, ao tempo que minha mãe, com uma vida toda dedicada ao cuidado doméstico e à criação dos filhos, teve experiência estudantil até a segunda série.

O analfabetismo e a baixa escolaridade são constantemente colocados como um problema social, motivo de constrangimento e culpa para aqueles que convivem com isso e não tiveram a oportunidade de continuar os estudos. Normalmente a dificuldade pode ser ignorada e deslocada para diversos fatores assim como a ausência dos óculos, burrice, entre outros (Cipiniuk, 2017).

Podemos dialogar novamente com Paulo Freire, quando ele discute sobre a educação contextualizada e os temas geradores:

Sendo os homens seres em "situação", se encontram enraizados em condições tempo-espaciais que os marcam e a que eles igualmente marcam. Sua tendência é refletir sobre sua própria situacionalidade, na medida em que, desafiados por ela, agem sobre ela. Esta reflexão implica, por isto mesmo, algo mais que estar em situacionalidade, que é a sua posição fundamental. Os homens são porque estão em situação. E serão tanto mais quanto não só pensem criticamente sobre sua forma de estar, mas criticamente atuem sobre a situação em que estão (Freire, 2019, p. 141).

Nota-se a facilidade com que o autor discute uma educação situada nas problemáticas do homem e mesmo do local, quando menciona não só o tempo, mas o espaço como um fator determinante para marcar o ser humano. Então, estando nessa situação, poderíamos naquela época ter debatido nas aulas de geografia, história, ciências, matemática e todas as outras áreas do conhecimento essas questões postas em nosso cotidiano, para uma educação libertadora.

A educação brasileira enfrenta problemas e desafios estruturais, principalmente nas condições de trabalho e remuneração dos professores, nosso país está entre os que menos gastam por aluno, numa conta que leva em consideração em especial o salário de seus docentes em sala de aula (Pinto, 2019).

Na realização do memorial ou qualquer outro tipo de pesquisa narrativa, a ideia de situar-se nos entremeios permite ao professor, pesquisador ou professor-pesquisador estar num ir e vir, metaforicamente numa constante viagem, como numa constante entre Alto Jequitibá x Barra Mansa, e nesse percurso repensar seus fazeres, métodos e práticas através de sua escrita, diálogo com autores e especialistas numa troca acadêmica ou entre os pares, diante das opções de composição textual (Clandinin; Connelly, 2011), assim foi na minha construção dissertativa, com viagem e diálogo com a minha orientadora, assim como na elaboração deste texto.

Há, a tensão de navegar por entre momentos que entregam um pouco mais do “eu” e em outros que desnudam teias de relações que criamos junto com outras pessoas e, portanto, precisam ser (re)contadas com cautela, cuidado e respeito aos sujeitos atores e participantes dessa jornada formativa.

A conexão que é tecida e os nós da história vão permitindo a construção de uma teia de sentidos e a linha narrativa que tem em sua gênese a experiência da constituição desse professor de geografia em sua atuação com jovens e adultos. No trecho destacado a seguir, Prado e Soligo (2007) pontua o memorial de formação (também uma narrativa) como o gênero utilizado por excelência para os professores, que atua como um meio para tornar públicas os seus desejos e anseios.

Aos poucos, ao expor as marcas que construíram o caminho por mim percorrido, vou dando contornos aos sentidos e as intenções de (re)viver e (re)pensar minha experiência formativa como educador. A possibilidade de buscar em outros tempos distantes e distintos, situações que seguem inalteradas e agravadas pela desigualdade social podem (e devem) alternar as perspectivas do pensar e agir ao entrar na próxima turma.

Ainda em Alto Jequitibá, foi possível experienciar o conservadorismo nos anos finais do ensino fundamental, em um colégio que antigamente foi uma instituição evangélica e cuja estrutura ainda pertencia a essa igreja. Sobre isso posso pensar com Santos que diz:

A relação do sujeito com o prático-inerte inclui a relação com o espaço. O prático-inerte é uma expressão introduzida por Sartre, para significar as cristalizações da experiência passada, do indivíduo e da sociedade, corporificadas em formas sociais e, também, em configurações espaciais e paisagens. Indo além do ensinamento de Sartre, podemos dizer que o espaço, pelas suas formas geográficas materiais, é a expressão mais acabada do prático-inerte (Santos, 2020a, p. 317).

Podemos, então, dizer que havia ali, nas formas, a presença de toda a cultura do passado materializada que ainda ressoava forte como se estivesse transpirando por aquelas paredes e construções imponentes os ditames cristãos, a saudação à Pátria, os desfiles cívicos e todo aquele patriotismo que manchou por décadas a história de nosso país. Isso ainda ressoa atualmente.

O diálogo se constituiu como algo fundamental nessa relação de professor e aluno, como uma ponte para a abertura a tudo que era proposto em classe, desde as pesquisas e trabalhos em grupos, que eventualmente demandavam uma reunião com colegas no contraturno, até dinâmicas internas daquela instituição.

A vivacidade e relevância dessas passagens me colocam a pensar sobre as escolhas e seus reflexos nas atitudes enquanto professor, e assim trago para a composição esse trecho em que Tardif escreve sobre o processo formador:

Nessa perspectiva, o saber dos professores parece estar assentado em transações constantes entre o que eles são (incluindo as emoções, a cognição, as expectativas, a história pessoal deles, etc.) e o que *fazem*. O ser e o agir, ou melhor, o que *Eu sou* e o que *Eu faço* ao ensinar, devem ser vistos aqui não como dois polos separados, mas como resultados dinâmicos das próprias transações inseridas no processo de trabalho escolar (Tardif, 2014, p. 16) [grifos do autor]

A dificuldade na efetivação do acesso à educação ainda é uma realidade atual, embora não se negue avanços, notei, em anos de atividade na EJA, inúmeras histórias interrompidas na trilha rumo a conclusão do ensino fundamental. Algo que deveria ser natural e corriqueiro, para muitos brasileiros se torna um desafio. Essa situação é vista no dia a dia da escola e, por exemplo, corroborada pelos desejos dos estudantes de terem novas oportunidades. Um exemplo depoimento de um aluno que havia retomado os estudos com intuito de

concluir o ensino médio e conseguir a carteira de motorista a fim de ter uma alocação melhor no emprego.

Como a falta de valorização e formação dos professores também afeta o caminho escolar dos estudantes, estamos diante de um quadro complexo. Semestralmente, membros da secretaria de educação noticiavam a unidade escolar sobre a pouca quantidade de alunos, embora essa fosse a única escola que oferecesse a EJA noturna no maior distrito do município.

Nas memórias compartilhadas apareceram parte considerável do que constitui o que sou, fragmentos que auxiliam na montagem da visão de mundo e as expectativas e projeções sobre um futuro possível além do desejo de outra realidade. Em muitos momentos ressaltam-se traços de antigos mestres, atitudes e valores que tive contato ao longo dos anos.

A trilha da formação inicial: as nuances dos desafios pela licenciatura em geografia

Navegando novamente na espacialidade narrativa, vamos nos movendo em direção a terra dos contestados bandeirantes, e é por lá que trarei novos elementos que adensam para essa discussão. O enriquecimento gradual de ferramentas de aprendizado se dá na medida em que viajamos no tempo e no espaço, agora para a conhecida “cidade menina”.

O município de Cruzeiro³ está estrategicamente situado próximo a outras unidades federativas, está no estado de São Paulo, mas faz divisa com Minas Gerais e seus municípios de Passa Quatro, Delfim Moreira e Marmelópolis e, também, é perto de Resende, no Rio de Janeiro. Localizado no chamado fundo do Vale do Paraíba tem uma composição populacional diversa com mineiros, paulistas e fluminenses.

Como pode ser observado na Foto 3 e nesse início de descrição, é um lugar com todo seu esplendor geográfico, a imagem captura ao fundo a Serra da Mantiqueira com nuvens em seu topo, além da área urbana desse interior pacato com a sua significativa indústria na margem direita. A geograficidade vem transbordando pela narrativa e toda a formação, e acaba por definir e pavimentar a escolha pela geografia como o curso superior para seguir.

³ A população estimada estava em 82.571 pessoas em 2020 < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/cruzeiro/panorama>>. Acesso em 06/09/2020.

Foto 3 – A urbanização cruzeirense aos “pés” da Serra da Mantiqueira



Fonte: acervo do autor

Diante de tantas características e histórias, pode-se dizer que: “Cada lugar é, à sua maneira, o mundo (Santos, 2020a, p. 314)”. Cruzeiro, é economicamente dependente de uma transnacional que opera em seu território e é uma importante empregadora, exercendo pressão pelo seu grau de influência na economia local, principalmente com base nos reflexos de seus movimentos de expansão, contratação ou demissão.

A passagem por essa localidade se deu trabalhando próximo ao acesso dessa indústria, o movimento e sua importância eram percebidos no fluxo de pessoas e carros nas entradas e saídas de turnos. Momentos em que a pequena cidade interiorana tinha seus repentes de trânsito. O que também marcava o local eram os boatos em épocas de eminentes transformações econômicas e/ou crises cíclicas do capitalismo, por exemplo, houve um rompante mais de trezentas pessoas demitidas, o que disseminou o pânico nos que entravam/saíam da unidade fabril, no comércio local e seus dependentes.

Ainda nas terras cruzeirenses, fui apresentado com amigos e colegas que seguem presentes em minha vida e também com um mestre, o professor Wilson Mendes. O conhecido nome da geografia cruzeirense causava calafrios nos graduandos e era sempre muito teatral e enfático em suas aulas, nos levando das risadas ao espanto. Proporcionou diversas oportunidades que acabei perdendo, no entanto, vários colegas puderam conhecer o grande geógrafo

brasileiro Aziz Nacib Ab'Sáber, numa excursão organizada até a sua terra natal São Luiz do Paraitinga, entre outras.

Wilson, como o coordenador de curso, sempre frisava o cuidado e o carinho no contato com os alunos, a ideia de partir sempre do que sabem, as dicas de carreira como a necessidade de focarmos nos concursos públicos, como uma forma de planejamento de vida tranquila e sem a surpresa da tensão de terminar um ano sem a garantia para o outro.

A descoberta da pós-graduação *stricto sensu* veio com ele, que tinha o grau de mestre e sempre deixava bem claro para todos as angústias que tinha vivido para “parir sua dissertação...” — Caro professor, atualmente lhe entendo completamente, como você tem razão! — Também foi a partir dele que tive contato na licenciatura com um ilustre geógrafo, Milton Santos.

Como pode observar, estou num exercício de sistematização, com o intuito de mostrar também uma geografia da existência, permeada não apenas de formas e objetos, mas também de vida por entre os lugares (SILVEIRA, 2006), extrapolando todo o arranjo espacial que se fazia pelo interesse do capital local, nacional e internacional. Com todo amor e carinho, nosso professor mostrava uma foto, orgulhosamente, para suas turmas de graduação todo semestre, com esse grande personagem da ciência geográfica. Em cada leitura que faço dos textos desse estudioso, consigo compreender aquela alegria em espalhar aquela foto, pois era um marco. Sua capacidade de entender essa ciência e decodificar elementos para o entendimento espacial são únicos.

A primeira vez que ouvi falar sobre as teorias conspiracionistas e negacionistas foi com nosso mestre cruzeirense, e até no nome do ideólogo da extrema direita, Olavo de Carvalho, a ditadura e colocações antipetistas. Nesse ponto fico pesaroso: seria esse mais um eleitor? fazia parte da sociedade que achamos que surgiu do nada, mas que sempre transitaram e estiveram presentes imperceptíveis pelos arredores?

Num diálogo com Milton Santos, cito:

“Aliás, muitos pobres acreditaram nos slogans como que se popularizou o discurso cientificista dos economistas do regime, e acabaram mais pobres ainda. O modelo político e o modelo cívico foram instrumentais ao modelo econômico (Santos, 2007, p. 15)”.

Apesar de cruel e catastrófico, esse período contraditório brasileiro seguia com seu adepto, ora destoando toda a obra de autores como Milton, sempre defendido e nos cobrado como leitura norteadora.

Complementando o fragmento disposto acima: “As esperanças com que este último acenava às massas eram por demais sedutoras, e estas massas

eram despertadas para a necessidade, o interesse, a vantagem de ampliação do consumo, mas não para o exercício da cidadania, que era cada vez mais amputada (Santos, 2007, p. 16)”. Apesar da crença nos vídeos do astrólogo, o professor sempre pautava questões sociais com seus inúmeros recortes de reportagens de jornais e a insistência na necessidade da leitura.

Após o reconhecimento de Milton Santos, Paulo Freire, Aziz Ab’Sáber como um aprendizado duradouro trazido com o “mestre” Wilson juntamente com as características pedagógicas e geográficas desse lugar, é momento de se mover no tabuleiro narrativo para uma nova parada.

A experiência na educação a distância (EAD) com toda aquela bagagem já constituída foi fundamental para o alargamento das compreensões geográficas, foram dois longos anos de noites adentro cheias de leituras e atividades na plataforma acompanhados pelos encontros presenciais aos sábados. Nesse processo de conclusão, despontava uma nova mudança, então partindo para Guaratinguetá⁴, município próximo no mesmo Vale do Paraíba paulista, num roteiro pelas margens do Rio Paraíba do Sul.

O ensino a distância no Brasil vem numa crescente ao longo dos anos e alguns cursos já possuem sua maior parte de matrículas por essa modalidade de oferta, porém é preocupante a falta de regulamentação junto aos critérios impostos pelo Ministério da Educação para embasar a fiscalização e cobrança de requisitos mínimos e/ou básicos para permitir condições dos graduandos terem a possibilidade de uma formação que prepare para a atuação no mercado de trabalho, que em sua maioria são das licenciaturas (Santos, 2015).

Retomando a construção a respeito do lugar, acrescento que: “... o que dá a um lugar sua especificidade não é uma história longa e internalizada, mas o fato de que ele se constrói a partir de uma constelação particular de relações sociais, que se encontram e se entrelaçam num lócus particular (Massey, 2000, p. 184)”. E assim, sigo trazendo particularidades e vivências nos lugares, que nesse caso são significativas para a minha formação.

A região onde se encontra Cruzeiro é analisada geograficamente nesse trecho: “No seu interior tem sido difícil encontrar sítios para centros urbanos de certa proporção, locais para parques industriais avantajados – salvo no caso das zonas colinosas das bacias de Taubaté e São Paulo... (Ab’Sáber, 2012, p. 17)”. O fragmento sintetiza a visão que temos na passagem por essa região que a partir de Cachoeira Paulista a Rodovia Presidente Dutra corta o vale ao meio,

⁴ População estimada no ano de 2020 em 122.505 pessoas < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/guaratingueta/panorama>>. Acesso em 06/09/2020.

A NARRATIVA DOCENTE COMO MÉTODO

com a vista de longe das duas serras, de um lado a Mantiqueira e noutro do Mar, sendo a Foto 4 uma boa perspectiva desse “vale”.

Foto 4 – O contínuo de morros pelo Vale do Paraíba paulista



Fonte: acervo do autor

Ainda em terras guaratinguetaenses, além da experiência no EAD e a contínua observância da dinâmica industrial que se destacava, assim como em Cruzeiro, outros elementos formadores foram cruciais, o estágio e novamente a importância do concurso. Era o momento de retorno à escola, porém não mais como aluno, e sim como quase professor.

Devido ao trabalho diurno, só foi possível acompanhar as aulas à noite, numa instituição escolar carregada de história, com nome de um celebre ex-Presidente da República nos idos do “café com leite” (Foto 5).

Foto 5 – A fachada do prédio que abrigou o estágio



Fonte: acervo do autor

Nesta escola, juntei-me para acompanhar o responsável pelas turmas de geografia entre turmas regulares e EJA. Experimentei as precariedades da rede estadual de São Paulo e os percalços do ensino médio em um ambiente de instalações monumentais e conservadas, como pode ser observado na Foto 5.

Como a demanda educacional brasileira se criou devido à pressão popular, os movimentos de planejamento de oferta, infraestrutura e aplicação de recursos beiram a nulidade, inclusive o ensino médio é uma etapa que recebe poucos recursos, tornando a situação insustentável o que se junta aos agravos da carreira docente (Corti, 2019).

Atualmente, como professor sei o quanto nossa profissão é precarizada em todos os sentidos, mas existem diferentes formas de ação para contestar e transformar essa realidade. É necessário expor as angústias, porém educar faz com que acompanhem trajetórias, presenciamos a vida acontecendo, como é o caso dos alunos que ingressam ainda pequenos e saem anos depois, se formando com sonhos e aspirações.

Havia ainda espaço naquela instituição para outras coisas inusitadas, como uma briga por motivos de relação afetiva envolvendo três alunos, e pela suspeita de um deles posse arma (a polícia levou todos para prestar esclarecimentos). Porém, mais tarde um dos integrantes da corporação foi fazer uma visita em todas as turmas do colégio e a “conversa” assumiu um caráter um tanto quanto autoritário, por mais que a autoridade militar fosse ouvida atentamente por todos. O seu tom de voz ganhou uma escala elevada e desnecessária, numa narrativa de exemplos sobre brigas e perguntando a opinião dos presentes acabei por ser envolvido naquilo.

Houve uma apresentação hipotética na qual meu pai estava envolvido em uma briga, optei por defendê-lo, porém segundo o gabarito da Polícia Militar (PM) a resposta estava errada. Fui obrigado a ouvir calado e em choque por alguns minutos os insultos e “esculachos” verbais que para mim não faziam sentido algum, mas creio que eventualmente pudesse ser uma situação corriqueira para alguns dos alunos presentes.

O exagero de nossa “instituição salvadora” é algo conhecido e sempre presente em nossos telejornais, algo que infelizmente não sai da moda. O consolo vem das palavras de Freire que: “Ninguém é sujeito da autonomia de ninguém. Por outro lado, ninguém amadurece de repente, aos vinte e cinco anos. A gente vai amadurecendo todo dia, ou não (Freire, 2011, p. 105)”. A compreensão do processo de amadurecimento, a crença no diálogo e o respeito eram algo inexistente em toda a condução do ocorrido. Infelizmente, a constante

autoritária era algo que prevalecia inclusive entre os docentes, como pude ouvir várias vezes nos intervalos.

Todavia, desde meados dessa década, observamos a ameaça e o crescimento de iniciativas voltadas a militarização da educação, conforme bem aponta Ricci (2019) com aumento de 200% nas escolas militares em cinco anos, apesar do flagrante gasto por aluno de escolas militares serem de 19 mil reais por ano, contra 6 mil na pública.

Arraigada numa prática opressora e antidemocrática, nossas forças policiais ainda têm recebido a chancela de administrar e cuidar de parte considerável da educação pública e, de acordo com a autora, recebendo investimentos muito maiores por aluno comparado às escolas civis. Escolhe-se instituições para militarizar, aplica-se mais recursos *per capita* e subverte-se todos numa ordem de obediência com um braço de atuação do poder público que, infelizmente, está acostumado, inclusive, a criminalizar as “minorias”.

A violência está no cotidiano de parte significativa da população brasileira, mas precisamos fazer da escola um espaço que quebra essa lógica, propiciando o debate e a subversão desse viés tradicional na educação que preza pela submissão do aluno (Ricci, 2019). A polícia possui um papel importante na sociedade, mas seria necessário um comportamento hostil? O diálogo poderia ser feito com base na simples conscientização e não na premissa da intimidação e/ou envolvimento dos presentes.

Todos os acontecimentos formam, e os professores que acompanham durante os estagiários, realizando a supervisão, são formadores. Nesse espaço estamos observando e aprendendo, o que fazer e não fazer, o que refletirá futuramente em nossa prática e ação em sala de aula, portanto a presença e convivência no espaço escolar é crucial para o desenvolvimento profissional (Pimentel; Pontuschka, 2015).

Isso é visto na ideia de Tardif sobre a composição do saber docente ao afirmar que ele é fortemente adquirido antes da passagem pelo ensino superior, permanecendo quase que intacto a toda a teoria e pouca prática que nos expomos durante os três anos ou pouco mais na graduação (Tardif, 2014).

Em uma dessas aventuras como concurseiro, fui aprovado e logo depois de chamado para assumir o cargo de docente em Geografia. Enfim havia chegado o momento de estar em sala de aula como o professor. Parti rumo ao

calor da costa do sol ou Região dos Lagos, como é mais conhecida, e assim fixei residência em Araruama⁵.

Por essa escrita venho andando por vários lugares, está na hora de contextualizar e enriquecer a narrativa com um pouco sobre os movimentos por entre os lugares. O ir e vir por todos esses pontos do mapa foi um elemento fundamental para me levar rumo à geografia e perceber a geograficidade das coisas e lugares (Moreira, 2013). Essa relação também foi percebida por Ab'Sáber que afirma que:

Por causa da primeira excursão de campo, senti que podia ler a paisagem, e todos os sábados e domingos em que estava mais livre, ficava "viajando" pela cidade de São Paulo. Naquele tempo, ainda havia bondes elétricos; eu pegava uma linha de bonde e, após os seus terminais, andava pelos arredores a pé, procurando entender a região metropolitana daquela época, e depois voltava pelo mesmo itinerário (Ab'Sáber, 2009, p. 37).

Não intento me comparar, mas entendo que tive o privilégio de viajar por entre lugares espetaculares de paisagens e costumes únicos, mesmo que ínfimos quando levamos em consideração o mundo, por isso sinto-me agradecido. Esse "entre" um e outro foi um elemento fundamental para a experiência geográfica e educativa.

No caminho, a solidariedade e a gentileza eram companheiras de muitas viagens, vinda por passageiros que costumavam lotar aqueles ônibus por horas a fio. Nesses idos, tinha quem levasse o café puro ou com leite, o biscoito de polvilho e até mesmo o pão de queijo, sempre como motivo de fugir do marasmo e dos preços elevados das paradas.

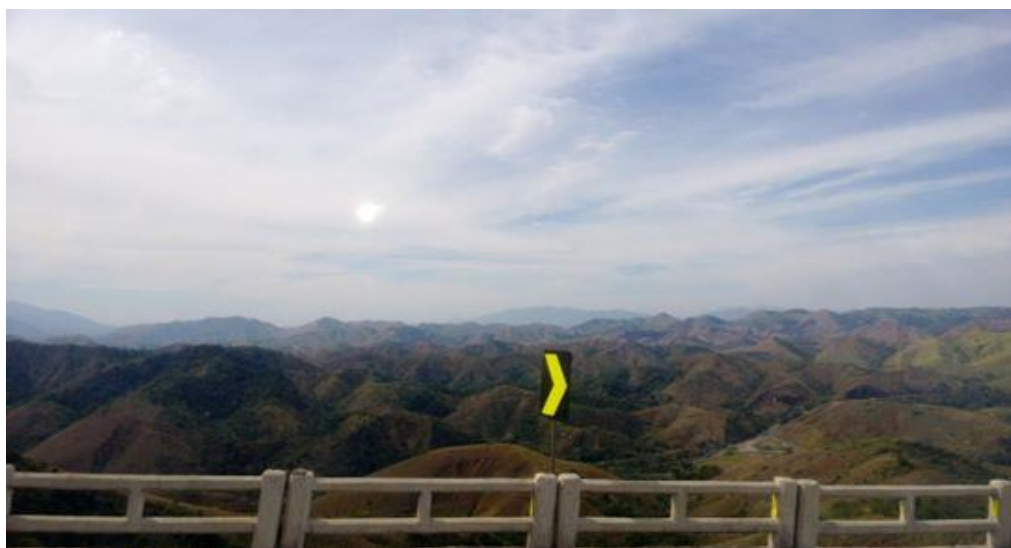
Nesse ponto lembro-me de uma leitura de Milton Santos: "Na cidade, sobretudo na grande, os cimentos se dissolvem e minguam as solidariedades ancestrais. Ali onde o dinheiro se torna a medida de tudo, a economização da vida social impõe uma competitividade e um selvagismo crescentes (Santos, 2007, p. 29)". Isso era visto na espontaneidade daquelas pessoas que juntavam guloseimas e assim conversavam, comiam e evitavam deixar o escasso e suado fruto do trabalho numa subversão socialista.

O entendimento de domínio morfoclimático e fitogeográfico se refere a junção de características espaciais de grandes áreas, com milhares ou milhões de quilômetros quadrados, onde haja certa coesão entre relevo, solo,

⁵ Município com uma população estimada em 134.293 pessoas < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/araruama/panorama>>. Acesso em 06/09/2020.

vegetações e condições de clima e hidrológicas, ou seja, com integração entre paisagem e nuances ecológicas (Ab'Sáber, 2012).

Foto 6 – O mar de morros na descida para o “Rio” na Serra das Araras



Fonte: acervo do autor

O aparecimento da EJA nos diversos momentos dessa narrativa reflete principalmente a ainda atual opção por lecionar para turmas dessa modalidade. Isso traz a possibilidade de discutir a geografia a partir de uma história, reportagem de TV ou impressa na tentativa de partir da realidade dos educandos.

O contexto de violência que a comunidade escolar vive, oscilando entre a luta pela posse de domínio do território pelos grupos armados e o confronto com a polícia, reacende as memórias do meu tempo como estudante. Assim como, permite debates e reflexões em sala de aula sobre várias questões, como a cidadania e o direito de ir e vir. Além do preconceito escancarado nas abordagens dirigidas para alunos pretos moradores de determinadas áreas.

Nesse exercício geográfico e literário, o memorial foi um companheiro a fim de auxiliar no trabalho com as memórias, construindo toda essa narrativa. Materializando em palavras e até no mapa, todo um percorrer por vários pontos que compõem um elencado de momentos formativos.

Para concluir essa aventura

A narrativa traz nuances importantes para compreender nossos fazeres e o dos colegas, pois a ideia de embasarmos a partir de referências passadas e, diversas vezes, anteriores a nossa formação na graduação ganha relevância a

partir dessa construção memorial. Basicamente, somos uma junção em que se misturam nossa história, visão de mundo, formação e experiências. No fim, temos o resultado de tudo isso, algo parcial e constantemente misturado num contínuo de acréscimos de algumas novidades, em porções distintas.

Considera-se também que o texto investigativo narrativo tem potencial fundamental como meio de reflexão e percepção pessoal/profissional e revisão de atitudes, métodos e práticas no ensino de geografia. A construção de saberes pela minha área do conhecimento e como reflexão pedagógica me colocam em perspectiva por entre acontecimentos que me constituem e que são dignos de nota.

A escrita de professores é um elemento que deve ser utilizado e incentivado no âmbito da formação de professores, em todas as suas instâncias, seja no chão da escola ou na pesquisa e formação docente pelas faculdades e universidades país afora. O movimento proporcionado por essa experiência na esfera pessoal e coletiva, pode se constituir em uma via de mudança e valorização tanto almejada por todos.

REFERÊNCIAS

AB'SABER, Aziz Nacib. **O que é ser geógrafo**: memórias profissionais de Aziz Ab'Saber. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

AB'SÁBER, Aziz Nacib. **Os domínios de natureza no Brasil**: potencialidades paisagísticas. 7ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

BOTELHO, Denise. Religiões afro-indígenas e o contexto de exceções de direitos. In: CÁSSIO, Fernando (org.). **Educação contra a barbárie**: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar. São Paulo: Boitempo, 2019.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa**: experiências e história na pesquisa qualitativa. Uberlândia: EDUFU, 2011.

CORTI, Ana Paula. Ensino médio: entre a deriva e o naufrágio. In: CÁSSIO, Fernando (org.). **Educação contra a barbárie**: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar. São Paulo: Boitempo, 2019.

FERNANDES, Carla Helena; PRADO, Guilherme do Val Toledo. **Diários de Viagem**: Pelos Trilhos da Escrita, uma possibilidade de reflexão sobre a Escola. Linha Mestra (Associação de Leitura do Brasil), 17, 1-7, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 71ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e terra, 2019.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **A produtividade da escola improdutiva**: um (re)exame das relações entre educação e estrutura econômico-social capitalista. São Paulo: Cortez, 2010.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. A “ideologia de gênero” existe, mas não é aquilo que você pensa que é. In: CÁSSIO, Fernando (org.). **Educação contra a barbárie**: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar. São Paulo: Boitempo, 2019.

MASSEY, Doreen. Um sentido global do lugar. ARANTES, Antonio A. (Org.). **O espaço da diferença**. Campinas: Papyrus, 2000.

MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em geografia**: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2013.

PIMENTEL, C. S; PONTUSCHKA, N. N. O papel dos professores da Educação Básica na Formação Inicial de alunos da Licenciatura em Geografia em períodos de Estágio Curricular. In: SACRAMENTO, A. C. R.; ANTUNES, C. da F.; SANTANA FILHO, M. M. de (org.). **Ensino de geografia**: produção do espaço e processos formativos. Rio de Janeiro: Consequência, 2015.

PRADO, Guilherme do Val Toledo; SOLIGO, Rosaura. Memorial de formação: quando as memórias narram a história da formação... In: PRADO, Guilherme do Val Toledo; SOLIGO, Rosaura (org.). **Porque escrever é fazer história**: revelações, subversões e superações. Campinas: Editora Alínea, 2007.

RICCI, Rudá. A militarização das escolas públicas. In: CÁSSIO, Fernando (org.). **Educação contra a barbárie**: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar. São Paulo: Boitempo, 2019.

SANTOS, Clézio dos. Reflexões sobre a formação de professores de geografia. In: SANTOS, Clézio dos (org.). **Geografia escolar**: Formação, concepções e práticas. Nova Iguaçu: UFRRJ, 2015.

SANTOS, Milton. **Espaço do cidadão**. São Paulo: Edusp, 2007.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia. 6ª ed. São Paulo: Edusp, 2012.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4ª ed. São Paulo: Edusp, 2020a.

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. 5ª ed. São Paulo: Edusp, 2020b.

SILVEIRA, Maria Laura. **O espaço geográfico**: da perspectiva geométrica à perspectiva existencial. GEOUSP – Espaço e Tempo, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 81-91, 2006.

SOARES, Carmen Lúcia. Educação do Corpo. In: GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo (orgs.). **Dicionário crítico da educação física**. 3ª ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2014.

TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. 17ª ed. Petrópolis: **Voices**, 2014.

Submissão em: 19 nov. 2022.

Aceite em: 31 out. 2023.

ⁱ **Leandro da Rocha** é Mestre em Geografia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ. Atua como professor de geografia na Secretária Municipal de Educação (Seduc) de Araruama/RJ e na Secretária de Estado de Educação (Seeduc) do Rio de Janeiro.

E-mail: rocha.leandro@outlook.com.br

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6004631511643622>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1445-2967>

ⁱⁱ **Ana Maria Marques Santos** é Doutora em Ecologias Sociais, Professora Associada do Departamento de Educação e Sociedade e do Programa de Pós-Graduação em Contextos Contemporâneos e Demandas Populares – PPGEDUC Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

E-mail: anamarques.ufrj@gmail.com

Curículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4837755740137182>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4763-3273>